

Povos Indígenas no Brasil

Fonte JORNAL DO BRASIL Class.: 126
Data 12/05/88 Pg.: _____

Índios da Amazônia têm vírus semelhante ao da Aids

BELEM — Cientistas das universidades federais do Pará e do Rio Grande do Sul e da Universidade de Yale, Estados Unidos, descobriram em cinco índios da Amazônia anticorpos para um retrovírus semelhante aos dois que causam a Aids. Aparentemente, ele não causa danos ao ser humano, pois os índios não têm nenhum sintoma de doença. Esta é a primeira vez que se descobre anticorpos humanos para um retrovírus parecido com os da Aids. As tribos a que pertencem os índios contaminados não foram reveladas.

Em pesquisas paralelas, os cientistas detectaram o novo vírus também em macacos guaribas. Por ser o macaco um dos alimentos básicos dos índios, suspeita-se que seja ele o transmissor (possivelmente os índios se contaminaram através de lesões na pele quando tiravam o couro dos animais), segundo informou o geneticista Sidney Santos, diretor do Centro de Ciências Biológicas da Universidade Federal do Pará (UFPA) e coordenador da pesquisa nos macacos. O novo vírus está sendo chamado de HIV-0, para indicar que é da mesma família do HIV-1 e do HIV-2, os causadores da Aids.

O programa de antropogenética executado pelas universidades do Pará, Rio Grande do Sul e Yale tem o objetivo de estudar as características genéticas da população da Amazônia, levantando o grau de imunidade dos grupos para os diferentes agentes infecciosos. Em algumas regiões, onde as doenças venéreas estão muito disseminadas devido ao contato com o branco (principalmente madeireiros e garimpeiros), os pesquisadores acharam conveniente aplicar o teste Elisa normalmente usado para detectar Aids. "Era uma possibilidade que nos preocupava. Se a Aids chegasse a essas tribos, através do branco, em pouco tempo estaria espalhada, devido à promiscuidade e à poligamia", explica o geneticista João Guerreiro, um dos integrantes do grupo.

O teste foi aplicado em 2 mil 441 amostras de sangue de índios de 12 tribos espalhadas em 25 aldeias as dos Urubu-kaapo (MA), Assurini, Paracaná e Arara (PA) e dos Cinta-larga (RO). Os dois vírus — HIV-1 e HIV-2 — que sabidamente causam a Aids não foram detectados. Mas em cinco amostras os cientistas registraram uma reação cruzada, o que significa uma reação imunológica indicadora de anticorpos para um grupo de vírus semelhantes ou da mesma família, como explicou o virologista Ricardo Yshak, da UFPA.

Mutação desafia os cientistas

LOS ANGELES — O ritmo de mutação dos dois vírus da Aids "é milhões de vezes mais rápido do que o do DNA humano (a molécula que contém nosso código genético)", diz o biólogo molecular Gerald Myers, do Laboratório Nacional de Los Alamos, no Novo México, baseando-se nos mais recentes dados computadorizados de que dispõe. Com tal velocidade de mutação, os cientistas talvez sejam obrigados a desenvolver vários testes e, no futuro, várias vacinas para detectar e combater os dois tipos de vírus e sua descendência.

Os dois vírus atualmente conhecido são o HIV-1, encontrado principalmente nos EUA, Europa Ocidental e África central; e o HIV-2, mais comum na África ocidental, mas que já foi detectado também na França, nos EUA e no Brasil (São Paulo).

Os dois diferem em até 25% em suas respectivas sequências genéticas, e ambos vêm mudando tão depressa que produzirão muitos descendentes caracterizados por diferentes marcas genéticas. Essas marcas não serão denunciadas nos testes projetados para detectar os vírus originais, dizem Myers e seus colegas do grupo de biologia e biofísica do Laboratório Nacional de Los Alamos.

Eles acham que ambos os vírus da Aids existem há cerca de duas décadas e que agora estão desenvol-

Um outro teste de Aids, mais preciso, chamado Western Blot, foi então aplicado às cinco amostras de sangue. De novo não apareceram anticorpos para os vírus da Aids. Os pesquisadores concluíram então que tratava-se realmente de um vírus novo, parente dos da Aids.

O fato de o novo vírus só ter sido achado em cinco índios pode significar que ele não é transmitido por via sexual, diferentemente do vírus da Aids. Se o fosse, haveria mais indígenas contaminados, pois os índios normalmente praticam sexo com múltiplos parceiros, dizem os pesquisadores.

Agora, os cientistas dependem da renovação do contrato de financiamento com o CNPq (Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico) para prosseguir as pesquisas, isolando o retrovírus para estudá-lo. O biólogo americano Francis Lee Black, professor de microbiologia em Yale, virá ao Brasil este mês para traçar as diretrizes da pesquisa do retrovírus. Black pretende trabalhar também com o francês Luc Montagnier, pioneiro no isolamento do vírus da Aids, que escreveu para a Universidade Federal do Pará pedindo detalhes do retrovírus encontrado.

O geneticista Sidney Santos disse que a descoberta é apenas o primeiro passo de uma longa caminhada. "Como qualquer processo de investigação científica, tanto pode levar a um grande avanço — a descoberta de uma vacina, por exemplo — como pode dar em nada", comentou.

Os pesquisadores pretendem agora, se o contrato com o CNPq for renovado, isolar o retrovírus, mapear seu código genético e compará-lo ao HIV-1 e ao HIV-2. Numa segunda etapa, tentarão descobrir a parte imunogênica do vírus, isto é, aquela que pode ser usada para vacina. "É trabalho para, no mínimo, cinco anos", disse Sidney Santos. Pode ser mais. Afinal, o HIV-1 foi descoberto em 1983 e os cientistas do mundo inteiro que batalham para produzir uma vacina contra ele ainda não têm resultados.

Sidney Santos acha também que é cedo para saber se a descoberta do novo vírus nos índios e nos macacos é uma evidência para a teoria de que a Aids começou em macacos africanos e deles passou para o homem. "Só temos certeza de que os índios portadores do retrovírus achado também nos macacos nunca tiveram contato sexual com brancos", disse.

vendo novos ramos genéticos em suas árvores genealógicas, na luta biológica pela sobrevivência. "E mudam mais rápido porque são retrovírus", diz o geneticista Randy Linder, do grupo de Los Alamos.

"O que quer que fosse antes, não era um organismo causador de doença", disse Linder sobre o vírus da Aids. "Assim, num sentido evolutivo, há uma seleção em andamento. Os vírus estão se aproveitando de oportunidades que aumentam sua sobrevivência."

Myers disse que, embora os atuais testes de anticorpos tenham notável desempenho na detecção do vírus em amostras de sangue, não há duas vítimas de Aids que tenham vírus idênticos da doença em seu sangue, porque o vírus começa imediatamente a se adaptar ao DNA de seu hospedeiro, a fim de sobreviver. Teoricamente, supõe-se que um vírus não mate seu hospedeiro. Assim, transformando-se em organismo causador de doença, ele está na verdade se suicidando: quando o hospedeiro morre, também ele morre.

Para Myers, nem o HIV-1 nem o HIV-2 se originaram em macacos, como outros têm sugerido. Ele não diz onde acha que se originaram. Se puder ser descoberta a fonte dos vírus, será possível desenvolver mais rapidamente terapias para combatê-los.

Campanha alerta viciado em droga

"Morrer de Aids é o fim da picada". Este é um dos slogans da campanha anti-Aids que o Ministério da Saúde vai lançar na primeira quinzena de julho, dirigida aos viciados em drogas. A campanha terá filmetes de TV com depoimentos de personalidades que perderam amigos e conhecidos vítimas da doença, além de adesivos para serem colados em banheiros públicos, anúncios em jornais e revistas e cartazes.

O orçamento da campanha, elaborada pela agência Denison Propaganda, será de quase 2 milhões de dólares. Vai sugerir aos viciados em drogas que não compartilhem seringas. A idéia, segundo um assessor do Ministério da Saúde, é de convencer o viciado que, se ele usar seringas descartáveis ou esterilizadas, poderá até mesmo morrer em consequência da droga, mas jamais das sequelas da Aids.

A campanha vai desdobrar-se na segunda quinzena de julho para atingir os caminhoneiros, mas sem relação com drogas, tendo como mote a frase "Não morra de amor". O Ministério da Saúde está convencido de que a campanha suscitará polêmica no Conselho Federal de Entorpecentes (Confen), cujo plenário terá reunião dia 21 para aprová-la, uma vez que o governo está assumindo a existência no país de um contingente considerável de drogas injetáveis.

O Ministério da Saúde acredita que seja possível reverter o quadro de viciados em drogas injetáveis no Brasil, embora esteja preocupado com a situação nos grandes centros urbanos, principalmente, em São Paulo, onde o percentual de casos de Aids transmitidos por agulhas de viciados aumentou de 3,4% para 15% em um ano, desde março de 1987.

Até março deste ano, foram registrados 2.956 casos de Aids no país, sendo que 195 das vítimas eram usuários de drogas, ou seja, 6,6% do total. A campanha do Ministério da Saúde, que vem sendo discutida em reuniões com representantes dos Ministérios da Justiça e Educação, da Polícia Federal e do Confen, será custeada em princípio pela Divisão de Doenças Sexualmente Transmissíveis (DDST-Aids), com recursos da Organização Mundial de Saúde e da Organização Pan-Americana de Saúde.

O filmete de TV vai mostrar, através de animação feita por computador, uma seringa que vai sendo atravessada pela câmara num efeito semelhante ao de uma cena do filme *2001 Uma Odisseia no Espaço*, do diretor Stanley Kubrick. Assim que a câmara termina de percorrer a seringa — em cujo interior predominam as cores branco e vermelho — esta explode, surgindo a voz em off do locutor que vincula a droga à Aids e à morte.

A campanha dirigida aos caminhoneiros — que não representam um grupo de risco da Aids, mas foram escolhidos por percorrerem o Brasil inteiro — procura alertar esses profissionais para o risco de contrair a doença devido ao assédio de prostitutas e homossexuais. Essa campanha usará uma mídia específica, composta de adesivos, cartazes, comunicadores de rádio AM e spots de rádio. O ponto alto da campanha será a utilização da música *Quadrilha*, de Chico Buarque de Hollanda, que ainda depende da autorização do autor. A intenção dos idealizadores é modificar a letra da música introduzindo a questão do homossexualismo: assim, ao lado do tradicional Carlos que amava Dora, que amava fulano, haverá um verso do tipo *João que amava José*, finalizando com a frase... *que morreu de Aids*.